

VINTE ANOS SEM MURO?¹

Os Vinte anos da Queda do Muro de Berlim

Prof. Ms. Luis Fernando Guimarães Zen²

Profa. Dra. Carla Luciana Silva³

“O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado aos seus semelhantes: ‘Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!’”⁴

Vinte anos depois da queda do Muro de Berlim, ainda convivemos com a idéia de que junto com o muro caíam as contradições da divisão do mundo em dois pólos. Do lado Oriental o Comunismo e do lado Ocidental o Capitalismo. Com a queda do também chamado “muro da vergonha” veio uma tentativa dos países capitalistas de colocar fim a qualquer alternativa viável contrária ao capitalismo.

O Muro de Berlim foi construído após a II Guerra Mundial para dividir a cidade em duas áreas de influência conforme foi citado anteriormente. Se esse muro representou a diferença entre duas potências econômicas, logo, entende-se que fossem dois projetos em disputa e que aquele que apresentasse as melhores alternativas para solucionar os problemas enfrentados pelas diversas nações em todo o mundo.

Essa é a forma pela qual nos foi apresentada a questão e convivemos até hoje com a idéia de que a queda do muro foi a supremacia do Capitalismo sobre o Socialismo. Esse por sua vez, pagou o preço da “História dos vencidos” e até os dias atuais vem herdando as desconfianças e descrédito por ter sido “derrotado” na disputa pela hegemonia mundial. O chamado Socialismo Soviético

1 Mural produzido em outubro/2009. Coordenação: Carla Luciana Silva, Luis Fernando Guimarães Zen. Estagiários: Alexandre Arienti Ramos, Guilherme Dotti Grando, Fagner Guglielmi Pereira, Juliana Valentini, Karen Loraine Kraulich, , Marcos da Silva de Oliveira.

2 Docente do curso de História da UNIOESTE.

3 Docente do curso de História da UNIOESTE.

4 Rousseau, J-J. Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens. São Paulo: Nova Cultural, 1997, p. 87. (Col. Os Pensadores).

feneceu alguns anos após a queda do muro de Berlim, porém a causa do seu fim não foi pela inferioridade em relação ao capitalismo e sim pelas diversas contradições gestadas ao longo de quase um século onde a Revolução Russa liderada por Lênin em 1917, passou por uma transmutação imposta por Stálin gerando outras contradições incondizentes com qualquer proposta de socialismo.

Ao longo do tempo em que o muro permaneceu em pé e até hoje a impressão que fica é de que o muro foi uma invenção das disputas entre os dois projetos, porém, ao longo da história da humanidade, podemos citar várias formas físicas de muro. Eles já eram comuns na Grécia e em Roma na antiguidade onde serviam de barreira de proteção para invasões imperialistas externas.

No entanto, foi na Idade Média que os muros em volta das cidades ganharam um outro sentido, além da proteção, eles passaram a servir como uma espécie de limite das cidades medievais. Dentro desses muros passaram a desenvolver atividades econômicas diferentes daquelas habituais referentes ao cultivo da terra. Era o surgimento das atividades de manufatura e do comércio de mercadorias que não necessitavam essencialmente da terra para serem produzidas. É esse o contexto que nos fala J.J. Rousseau. O surgimento da chamada burguesia. Surgida de um outro extrato social, se coloca entre a nobreza e o restante da população. É essa mesma burguesia que se favorece das relações sociais em desenvolvimento e alterou a seu favor as formas de subsistência de toda a sociedade instituindo as modernas formas de Propriedade Privada que nos fala Rousseau.

A construção do muro de Berlim não foi nenhuma novidade do século XX, os muros já vem separando a humanidade há milênios. Se na Antiguidade servia para as pretensões Imperialistas das conquistas greco-romanas, na Idade Média foram as barreiras necessárias para abrigar os primeiros passos do Capitalismo, o muro de Berlim serviu para separar dois mundos em conflito que buscavam seus processos de expansão.

Nos dias atuais, os muros servem para conter os antagonismos que todo esse processo de “desenvolvimento” causou seja ao separar o México dos Estados Unidos, seja para separar as periferias cariocas das áreas de turismo, ou até mesmo da imensa e intransponível muralha que separam as desigualdades sociais em todo o “nosso” Planeta.

Construir Paz e não Muros (MUSA AMER ODEH)

Juliana Valentini⁵

Karen Loraine Kraulich⁶

Os conflitos entre Israel e Palestina vêm sendo noticiados nos mais variados meios de comunicação durante muito tempo; vemos imagens de bombardeios, homens bombas, fala-se muito na questão de religião, terrorismo. Contudo, será que com todas estas informações que recebemos diariamente, estamos cientes sobre o que realmente acontece no Oriente Médio e principalmente, com as pessoas que lá vivem?

A disputa destes povos por território acontece há muito tempo, porém nas últimas décadas a ONU passou a intervir nesta questão. Em 1967 criando uma região de fronteira onde se formaria o Estado de Israel e o da Palestina, um separado do outro pela chamada “linha verde” fazendo com que os conflitos fossem ao menos amenizados. Porém, os problemas não são assim tão simples.

O Estado de Israel não respeitou os limites estabelecidos pela divisão da ONU em 67, passando a invadir o território palestino, com exércitos armados, aviões, tanques, desrespeitando os acordos de paz que eram propostos, impedindo a entrada de medicamentos, alimentos bem como toda a ajuda humanitária que chega. O estado palestino sofre uma ocupação brutal em um sistema de *apartheid* imposta por Israel pouco conhecida pelo mundo, de racismo segregação, arrogância e ódio. Os massacres promovidos pelos exércitos israelenses nos acampamentos de Sabra e Chatila em 1982 deixando mais de 2000 mortos não fazem parte apenas da memória do povo palestino, estão ainda muito presente na vida desse povo. Ataques à população civil palestina continuam a acontecer, o acampamento de Jenin com seus quase 18.000 habitantes é um bom exemplo, Jenin foi bombardeado por mais de duas horas em nome do combate ao terrorismo, mais de quinhentas pessoas morreram entre elas mulheres e crianças. Jenin não é uma exceção, no acampamento de Ramallah a situação é a mesma, além dos constantes bombardeios às cidades, a população sofre toques de recolher por parte dos exércitos israelenses. O quadro atual é desolador.

Existem interesses econômicos e religiosos muito fortes entre os governos de ambos os lados: as terras em disputa além de serem férteis para o cultivo, geram muito dinheiro com o turismo, as cidades de Belém, Jerusalém, toda aquela região que conhecemos como Terra Santa, é visitada por fiéis do mundo inteiro.

No ano de 2002, Israel iniciou um projeto para a construção de um muro, que separaria de

5 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

6 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

vez os dois estados. Muro este que anexa terras palestinas, assim Israel toma para si áreas que correspondem aos melhores recursos naturais da região. A construção do muro tinha como justificativa impedir a passagem de militantes palestinos que cometem atentados suicidas em Israel. Afetou relações familiares, deixou camponeses separados de suas terras, muitas crianças sem acesso a suas escolas e isolou completamente dezenas de comunidades palestinas. Essa barreira não irá fazer com que os dois Estados vivam em paz, e sim só fazer aumentar os pretextos para um nacionalismo e uma religiosidade extrema, que veio se estendendo ao longo dos anos até hoje.

Se voltarmos um pouco no passado, poderemos ver que essa idéia não é um fato isolado, em 1961 surge o Muro de Berlim, fazendo a cidade alemã uma fronteira entre capitalistas, Estados Unidos da América e comunistas União Soviética, tendo repercussão no mundo todo. Bem como, isolar pessoas de outras etnias, invadir e destruir suas casas, promover massacres, tortura, também é algo que já vimos na Alemanha Nazista durante a Segunda Guerra Mundial. A construção deste muro pelo governo de Israel se analisarmos a fundo, possui muitos pontos em comum com estes episódios. Um Estado com interesses capitalistas, desrespeitando não só limites de território, mas sim todas as pessoas que diferem do seu povo, principalmente pela questão da religião, julgando como seres inferiores e que por isto, precisam ser isolados.

Globalização Cercada

*Alexandre Arienti Ramos*⁷

*Marcos da Silva de Oliveira*⁸

A polêmica construção do muro empreendida pelos Estados Unidos, separando sua fronteira do México, apresentado como uma estratégia de defesa contra imigrantes ilegais, deve trazer reflexões sobre até que ponto essa medida pode ser considerada eficaz e para quem se torna vantajoso tal interesse.

Fruto de grande planejamento, esse “muro” pode ser considerado um meio de repressão à população mexicana, mas também é um exemplo vivo de uma segregação nem sempre visível. Um muro que separa os países ricos dos pobres, o Norte do Sul. Este muro é o mesmo que impede cidadãos brasileiros de entrarem na Espanha, em outros países da Europa ou nos EUA. O muro do México não pode ser entendido sem levarmos em conta a existência de poucos países que concentram a maior parte da riqueza. O modo de manter este elevado nível de vida e esta concentração de riqueza é criado artificialmente através da exploração dos países subdesenvolvidos, onde pessoas se submetem a formas de subemprego, são sustentadas por uma subalimentação comprada com um subsalário. Estas pessoas se tornam subcidadãos globais, marginalizados na era da globalização, do livre mercado e da livre circulação, de mercadorias mas não de pessoas. Apesar de boa parte da riqueza dessas nações ricas ser gerada a partir de empresas transnacionais que exploram a mão de obra barata dos países subdesenvolvidos, esta riqueza não é usufruída pelos que a produzem, os trabalhadores das regiões periféricas.

Exemplo dessa situação, o muro entre os EUA e o México funciona como uma membrana celular. Ela é seletiva, permite passar os nutrientes mas não as toxinas. De igual modo o dito muro, amparado pela legislação do NAFTA, permissiva aos investimentos estrangeiros no México que no final das contas buscam mão de obra barata e explorada em condições mais intensas, bem como incentivos fiscais e uma legislação no mínimo tolerante quanto aos impactos ambientais, à semelhança do qual os EUA tentavam implantar a ALCA “associação de livre comércio das Américas.” englobando inclusive o Brasil, permite passar a riqueza extraída da barata mão de obra mexicana pelas empresas norte americanas, mas não permite que os mexicanos adentrem o território estadunidense para usufruir, em pequena parcela que seja, desta riqueza. Como alternativa a tal medida, muitas pessoas optam por entrar de forma ilegal no território norte americano, pois não lhes

7 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

8 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

resta alternativa aparente. Diante da catastrófica desigualdade vivida no México, uma vida como semi cidadãos executando as tarefas desprezíveis ao cidadão estadunidense e sofrendo todo o tipo de discriminação, mas com a ilusão de participar do “modo de vida americano” se torna assustadoramente atrativa.

A preocupação dos americanos com seus territórios faz com que a organização da repressão e da segurança, aliada à parafernália tecnológica, aumente cada vez mais. A exemplo das patrulhas fronteiriças, investigadores, inspetores dos pontos de entrada, oficiais de imigração, câmeras de televisão, sensores, luzes, aparelhos infravermelhos e rádios e dentre outros, criando um grande campo de controle de entrada e saída dos seus limites territoriais. Mesmo com todas essas medidas empreendidas pelo governo estadunidense, é muito grande o número de imigrantes ilegais e legais que moram e trabalham no país. Permite-se que alguns mexicanos passem, legal ou ilegalmente, afinal de contas sua barata mão de obra serve bem aos interesses dos capitalistas estadunidenses. Além de ser uma exploração lucrativa, essa mão de obra funciona como uma alternativa ao trabalhador estadunidense, serve como um agente de desorganização deste e o força a abrir mão de conquistas históricas para assegurar o próprio emprego. Percebemos que não são nem os estadunidenses em geral que ganham com esse sistema, mas apenas uma pequena parcela de exploradores.

Morbidamente engraçado que uma apregoada democracia construa um instrumento de segregação tão grande e articulado como este muro. Um muro que é construído em função de interesses de um sistema capitalista que subordina povos a uma organização produtiva destituída da moral e dos valores hipocritamente pregados pela democracia burguesa dos EUA.

Muro da Segregação Social: Os “Guetos” do Rio de Janeiro

*Fagner Guglielmi Pereira*⁹

*Guilherme Dotti Grandó*¹⁰

Este ano completará duas décadas da queda do muro de Berlim, mas as “barreiras” que segregam indivíduos continuam infelizmente em voga. Recentemente o governo do Rio de Janeiro deu início à construção de um muro que contará com 11 quilômetros de extensão e 3 metros de altura.

A iniciativa vem do Governo municipal com o apoio do Governo Estadual, ambos com o discurso de conter o avanço das favelas em direção a camada de mata Atlântica e sua devastação (como se os ricos e a classe média que ocupam boa parte das encostas não tivessem culpa por parte da destruição da floresta). O governador Sergio Cabral pretende transformar cerca de 20 comunidades do morro em guetos, separando o morro do asfalto, separando pobres e ricos.

Como se não bastassem as condições sociais que separam ambas as “classes”, cujas relações de poder segregam abstratamente e selecionam “invisivelmente” as pessoas, agora teremos o muro concreto, no cume do sentido literal, toma forças perante o muro abstrato da divisão social.

Podemos, no entanto, chegar a alguns pontos sobre a trajetória e real “funcionalidade” destes muros. É evidente que a política adotada pelo governo carioca é uma das mais puras formas de segregação, e em alguma medida, tenta-se esconder as desigualdades sociais diante da situação vigente. O conflito que circunscreve Morro & Cidade, vem sendo travado com mais intensidade ultimamente, o muro é um dos reflexos disto, o que não é aceitável. Dentre as favelas que serão separadas pelo muro, estão a Rocinha, o Morro Dona Marta e a Chapéu Mangueira, são comunidades que apresentam trajetória significativa no que diz respeito à resistência contra a repressão policial.

Essa separação entre “pobres e ricos”, é uma prática que divide a população da cidade do Rio de Janeiro em dois grupos: de um lado do muro fica a parte abastada que detém todos os recursos para a produção, no outro fica parte da população carioca empobrecida a mercê das determinações deste “seleto” grupo dominante. Não muito distante de nós, há algumas centenas de quilômetros, o ex-presidente dos Estados Unidos George W. Bush construiu um muro semelhante, que separa a fronteira do México com os Estados Unidos e/ou um pouco mais longe, no Oriente onde há um muro que separa os judeus dos palestinos são exemplos internacionais de separação

9 Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

10 Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

utilizando o mesmo “método” de coerção. Em Berlim, a construção do muro separava a população da Europa Oriental (socialista) à Europa Ocidental, que obtinha os meios de produção disponíveis para garantir sua estabilidade econômica. Embora os níveis sejam diferenciados, a prática é semelhante, pois o intuito tanto dos Estados Unidos, de Israel e da Alemanha, quanto da iniciativa carioca é perpetuar as relações de poder de um grupo dominante diante os dominados, sejam dentro do campo de dominação: Desenvolvido/Subdesenvolvido, ou Asfalto/Morro.

As iniciativas dominantes supracitadas lembram o cercamento das cidades antigas. Os burgos fechavam-se utilizando o sistema de muros para evitar o perigo de ataques e em alguma medida isolar boa parte das pessoas das capacidades produtivas do outro lado do muro. Mais de dois séculos depois da revolução burguesa das primeiras cidades da França, a atual burguesia utiliza práticas semelhantes para garantir sua posição.

Por fim, as medidas tomadas pelo governo carioca, no que diz respeito à construção do muro e suas especificidades enquanto recurso para subordinação de uma determinada “classe” propagará, por certo, em benefício de uma minoria que projeta no muro expectativas de “eliminar” de sua vista a desigualdade social, ou “tapar o sol com a peneira”, fingindo não ver o lado de lá do muro, pois garante, em alguma medida, sua supremacia enquanto “classe”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://www.cesarsalgado.net/200308/030808b.htm> Folha de São Paulo, 8 - VIII - 2003 Patrocinado por empresa, muro isola palestinos em Qalqilia

http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=223&ed=1 Relações Internacionais - Demétrio Magnoli 1/3/2004 O muro da insegurança

ARBEX: JR José, *Terror e Esperança na Palestina* São Paulo Casa Amarela. 2002

<http://www.globo.com/http.../governo-do-rio-de-janeiro-constroi-muros-para-conter-favelas-755050807.asp> - Acesso em 11/10/2009.

<http://www.diariodorio.com/o-muro-da-vergonha-criando-guetos-no-rio-de-janeiro/> - Acesso em 10/10/2009

Caros Amigos Especial. *O Muro Americano: EUA-México, agressiva fronteira da globalização*. Maio, 1998.

<http://www.planetaportoalegre.net>: 04/05/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1509200908.htm>

<http://www1.folhs.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1509200909.htm>